

## Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Reco do Bandolim e o filho Henrique Neto carregam a missão de manter o gênero musical vivo na capital do país e transformar o Clube do Choro numa referência nacional entre os instrumentistas e cantores

# Chorinho com **suingue candango**

» MARIANA REGINATO

Carlos Vieira/CB/D.A. Press

**A** pesar de ser chamada de capital do rock, Brasília sempre foi conhecida como a capital do choro. Um dos grandes responsáveis pelo surgimento do interesse no ritmo na cidade é Reco do Bandolim, fundador da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, a primeira no gênero em todo o país, e presidente do Clube do Choro.

Reco chegou à capital em 1963 quando o pai, deputado estadual na Bahia, se tornou deputado federal. Logo depois, com o golpe militar, o trabalho do pai foi muito perseguido e Reco conta que cresceu nesse ambiente de tensão. “A gente via a Universidade de Brasília (UnB) nascendo com aquele espírito de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, um projeto de Oscar Niemeyer, Lucio Costa. Havia um projeto extraordinário para essa cidade, era um negócio exuberante. Mas, em seguida, veio esse golpe militar e os militares acharam que aquilo era uma coisa perigosa e acabaram com tudo. Nós crescemos nesse ambiente”, descreve.

Nos anos 1970, ele tocava guitarra na banda Carência Afetiva, que tinha com o irmão, e era conhecido como Jimmy Reco, por tocar todo o repertório de Jimmy Hendrix. “Essa febre da guitarra veio de Woodstock, era uma forma de protesto”, comenta. O choro apareceu na sua vida numa viagem para a Bahia, em 1972, quando em um show de Moraes Moreira, integrante dos Novos Baianos, ouviu a canção Noites Cariocas, de Jacob do Bandolim. “Eu, um jovem morando na capital da República, nunca tinha ouvido falar em choro. Eu fiquei paralisado e, quando cheguei em Brasília, comecei a procurar em todas as escolas de música e nenhuma contemplava o choro”, conta.

### Manifestação

A partir desse momento, Reco começou a ouvir choro e a tocar bandolim por contra própria. Buscava uma maneira de trazer a manifestação musical tipicamente carioca para a capital. “Quando a gente começou com as atividades do Clube do Choro, eu me lembro que era uma casa que recebia pessoas muito mais velhas, não tinha jovem nenhum e eu comecei a pensar numa maneira de seduzir a juventude, porque achei injusto que os jovens não tomassem conhecimento desse gênero tão especial e não tivessem acesso a essa riqueza”, explica Reco. Para isso, criou o projeto Caído no choro



Reco do Bandolim e o filho, Henrique Neto: quando a nova e a velha geração se encontram para falar de música



**Eu, um jovem morando na capital da República, nunca tinha ouvido falar em choro. Eu fiquei paralisado”**

*Reco do Bandolim, um dos fundadores do Clube do Choro*

e chamou Pepeu Gomes, integrante dos Novos Baianos, para tocar bandolim na cidade.

“Botamos um anúncio bem grande escrito: Pepeu Gomes cai no Choro. Veio a juventude, gente da UnB querendo ver ele tocar guitarra, mas quando chegaram, viram o Pepeu com aquele cabelo, tocando o bandolim. Eu fiquei

olhando para a fisionomia da juventude, as pessoas estavam apaixonadas por aquilo que estavam vendo”, relembra Reco.

Desde então, Reco conseguiu disseminar o choro não só na capital, mas dentro de casa. Henrique Neto, filho de Reco, é atualmente o diretor da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello e toca violão de sete cordas. “Eu sempre recebi Dominginhos, Moraes Moreira, Hamilton de Holanda e tinha uma relação pessoal de amizade com todos eles. Henrique foi criado desse pequenininho vendo o pessoal tocando”, relembra Reco. Um dia, Reco chegou em casa e Henrique interpretava um choro no bandolim. Era *Noites Cariocas*, a canção que deu início a tudo.

### Esforço

Henrique estava conectado com o choro desde sempre e acompanhou todas as etapas do

Clube. “Eu lembro da gente vindo aqui aos domingos para limpar o Clube do Choro. Confesso que não gostava na época, eu queria estar jogando bola com meus amigos. Mas tinha que vir, porque os instrumentistas tinham essa missão. Mas depois criei uma relação de muito amor com o choro, por ter participado de todo esse esforço”, afirma.

Reforçando que Brasília é capital do choro, Henrique se conectou com a cidade por meio da música. “Vendo a paixão das pessoas daqui, toda a transformação no cenário cultural que o Clube do Choro promoveu e a escola também. Comecei a tocar aqui e conheci muito da cidade, depois que eu me tornei músico”, destaca. “Esse trabalho levou a me apaixonar mais por Brasília também. Percebendo a minha forma de compor e de me relacionar com a música, Brasília se reflete dentro desses espaços abertos, essa cidade



**Quando comecei a tocar o choro era música de pessoas mais velhas, mas hoje você vê muitos jovens tocando”**

*Henrique Neto, diretor da Escola Brasileira de Choro*

modernista. O traço do Niemeyer reflete também na nossa forma de fazer música”, afirma Henrique.

Como diretor da Escola Brasileira de Choro, Henrique Neto é diretamente responsável pela nova geração de brasilienses na música. “Eu era a nova geração,

quando tinha 13 anos, passei por esse período dos novos talentos, dos jovens redescobrimdo o choro. Uma música centenária sendo redescoberta por adolescentes. E, hoje, estou na função de apresentar o choro para os jovens”, reflete. “Quando comecei a tocar o choro era música de pessoas mais velhas, mas hoje você vê muitos jovens tocando, se interessando por choro, misturando o choro com outros gêneros contemporâneos”, conta.

Reco do Bandolim também destaca que o choro tem ganhado seu espaço cada dia mais. “Fico impressionado em como uma cidade futurista, veio se apaixonar por esse gênero centenário. Isso diz respeito ao que está no sangue. É uma coisa muito boa de se ver nos finais de semana, tudo quanto é lugar tem gente tocando bandolim, a juventude mesmo está tocando samba e choro. Isso é um ganho fantástico”, destaca.

## Meu encontro com Brasília

» DANI NERI

### Berço, luta e movimento

Brasília é o meu berço, meu colo e meu útero. Nasci em 1983, filha de Cacá e Tadeu — ela mineira, ele goiano, ambos jovens com a mesma idade da cidade, recém-saídos de uma ditadura militar. Sou a primeira geração da minha família a brotar neste chão; um fruto do Cerrado que aprendeu a ler o mundo mergulhada nos espaços culturais desta capital.

Meus pais se conheceram em grupos movidos pela Teologia da Libertação, tendo a arte como ferramenta de transformação. Sou filha do OPA — Oração pela Arte, onde fui batizada e aprendi cedo a falar com Deus cantando, dançando e celebrando a vida. Fui crescendo assim, embalada pelo pandeiro da minha mãe, os violões do meu pai e do meu avô Neri, e minha avó Lulu me

botando para recitar poesias nos saraus da família. Cacá foi a primeira aluna mulher de pandeiro no Clube do Choro e, anos depois, uma das fundadoras do “Toque de Salto”, primeiro grupo de samba feminino do DF, onde também me criei e ganhei madrinhas que me abençoam por toda a vida.

Fui criança na Escola Parque, onde toquei as primeiras notas na flauta doce. A Escola de Música virou minha segunda casa. Ali, fiz parte do ArsFemina, um coral icônico só de mulheres que cantava em chinês, japonês, javanês, tcheco, russo... Foi com elas que comecei a me aventurar nas produções e viagens para festivais. Ali também me tornei flautista e toquei meu primeiro choro amparada pelo mestre Carlinhos 7 Cordas. Teve Curso de Verão, “24 Horas de Música”, big bands, óperas, orquestras, corais, bandas e concertos — tudo ali: acessível, integrado, de graça.

Eu fazia meus deveres de casa na Biblioteca Demonstrativa, fiz muitos cursos no Espaço Cultural da 508 Sul e vivi

Arquivo pessoal



intensamente o Clube do Choro como aluna e ouvinte. Aos 14 anos, entrei na Oficina dos Menestréis e, aos 15, estreei com eles no Teatro Nacional, na Sala Martins Pena lotada, os musicais do Oswaldo Montenegro sob direção do “Detão”. Dali, o teatro nunca mais saiu de mim e ganhei uma irmandade que está comigo até hoje.

A Agrupação Teatral Amacaca (ATA) é com quem caminho há mais de 10 anos.

da de pifanos de Brasília, a Ventoinha de Canudo. No nosso 23º carnaval, tivemos a alegria de sermos premiados como o “Melhor Momento do Carnaval” pelo CB Folia 2026. Foi nesse pulsar que, na folia de 2014, comecei a namorar o Tupã; são 13 carnavais nesta parceria atuando juntos na cena cultural da cidade.

Minha história se escreve em rede e as parcerias se fortalecem. Sou feita dos espaços que resistem: da Vila Cobra Coral

Nos unimos em volta do mestre Hugo Rodas, com quem trabalhamos até os últimos dias de sua vida, e agora seguimos reexistindo, nos reinventando neste grande desafio de ser uma companhia de teatro de grupo no DF. Em 2004, ajudei a fundar a primeira ban-

à Ocupação Mercado Sul Vive, do Teatro Dulcina, do Santuário dos Pajés, do Espaço Inventado, do Pé Direito, da Aman-duarte, do Terreiro do Seu Estrelo e da Casa da Martinha do Coco. Há mais de 20 anos, me joguei na produção e na arte-educação por missão e sobrevivência, levando oficinas a diversas regiões administrativas. Sou com muito orgulho, militante cultural desta cidade. Luto pelos direitos de uma classe que mesmo tendo tantos berços culturais, ainda sobrevive à invisibilidade das políticas do GDF.

Somos operários da utopia. Brasília faz 66 anos e eu sigo aqui, com meus 42, parindo a continuidade.

Entrego ao futuro meus filhos, Cauã e Ravi. Que eles aprendam que a criatividade é nossa maior resistência e que o sonho é o combustível para a luta. Brasília só é plena quando seu horizonte pertence a quem ousa inventar uma cidade melhor.

**Dani Neri é atriz e musicista**